

## Ao Cair da Tarde

Paramentado com roupas de cerimônia, ele assentava, todo envergado em um fraque apertadinho, sem fôlego, cogitativo, metendo no bolso a pontinha do dedo enluvado, teso como um soldado espalhafatoso, fora dos seus hábitos, no fundo do carro.

Subia-lhe ao nariz o cheiro da roupa preta arquivada, e a essência do lenço que intumescia-lhe o peito esquerdo. Só tinha pena era de uma coisa: ter deixado de fumar! — porque justamente o complemento que faltava ao seu aprumo era o charuto, o fino charuto feito para ornar o queixo admirável de um rapaz que se julga feliz.

Porém, senhores, ela não se julgava feliz; ou, para falar verdade, não se julgava cousa nenhuma.

O que ele sentia era assim como a boca da noite de um primeiro amor. Não julgava nada, sentia-se dormente, aspirativo, com disposições para chorar, contanto que houvesse esperanças de rir ao depois. Ai como ardia por um risozinho! Mas a sua goela, entupida por uma laringite inimiga do bom tom, o obrigava a uma seriedade estranha. Como seria bom soltar uma gargalhada! Como não seria satisfatório conversar!

Havia só dous sentidos por onde ele podia comunicar-se com o mundo das comoções: a vista e o ouvido.

Estava como uma pipa esvaziada...

Passavam casas de amarelo, de branco, de azul, edificações em preto, espaços de muro, pompudos arvoredos de



praças, passeios trilhados por gente domingã, e longínquos casebres de arrabaldes lá no topo esbatido das ruas... Lembro-me bem da cara que lhe fez uma crioula que ia pelo calçamento com os seus alvos dentes nas feições negras, mais alegre do que ele, como se ela também estivesse a sentir modorrentamente os embalões da carruagem... O ruído das rodas nas pedras o adormentava... Adiante um rapaz e uma rapariga os encararam como se eles, em vez de carro a descoberto, fossem debruçados pela portinhola... O seu pouco hábito dessas coisas, a bisbilhotice de terra pequena, tudo o convencia de que ia numa evidência extraordinária... Foi preciso abrir o guarda-sol para amparar contra o poente o rosto de seu velho amigo, e ele ficou na ilusão de que ia com a umbela cobrindo o viático... As habitações fugiam atadas umas nas outras... O ambiente refrescava, e o céu se alargava como uma enorme colcha azul com pinturas cor de leite e de cinza e de laranja...

As impulsões das molas sacudiam, aparavam, pendiam-no para um lado, sobre o coxim, com umas sensações de carnes abundantes... Foi arrojado a admitir que em vez de um velho tinha a seu lado uma donzela casquilha...

O cocheiro perguntou se parava no cemitério. O velho disse que sim.

Por entre um alvo colo dos morros se apresentava o enorme lombo do mar azul. Viam-se os trilhos do caminho de ferro escapando-se por entre a garganta vermelha de uma duna rasgada até à raiz... Numa encosta polvilhada de pequenos matinhos assentava uma palhoça, donde um caminho oblíquo vinha pela areia abaixo, e subia um pequeno andrajoso conduzindo um pote d'água.

Para o lado de terra branqueava lá no fim de uma avenida despovoada uma igrejinha nitente... espalhava-se a superfície dos matos... recortava-se o dorso das serras, onde umas nuvens pareciam estar pregadas, e sentia-se os últimos pes-



tanejamentos do sol. O matiz das orgulhosas copas dos coqueiros, na infinidade verde, com o seu cunho de cultura impingiam-lhes a idéia de que se aproximavam de povoados. O velho sorriu como se o aconchegassem à sua terra...

Desejava virar num gigante para andar por cima dos matos como em um relvado, na oquidão daquele céu, no saudoso daqueles grupos de serras, a lobrigar o sol que se sumia espirrando jatos por entre os vapores, semelhante a uma metralha no momento crítico do estoio...

Abriu-se, numa alvenaria caiada, o alto portão do cemitério.

Uma calçada larga, de tijolos vermelhos, convidou-os a penetrar... Como uma enorme guarita branca, ali erguia-se a capela... O sacristão, na atitude de quem ruma o café do pospasto, conversava com uns amigos no cordão da alta calçada com as pernas penduradas, batendo alternativamente com os tacões num epitáfio... Os caminhos abriam-se entre as obras de mármore, entre as cruzes, entre os gradis, entre os pequenos túmulos de alvenaria. O chão ia em declive para dentro. Já estávamos longe dos túmulos do General Sampaio, onde a pátria chora sobre uma urna, e do Senador Pompeu, onde uma figura, no topo, encara os horizontes.

Uma floresta de cajueiros e acácias subia de uma floresta de cruces pretas traçadas de letreiros brancos... Muito longe passava a fitinha do muro do fundo... Entramos a arrodar a base da capela, um prisma gigantesco, com duas ordens de sepulturas onde se metem os esquifes como se fossem gavetas...

— Aqui jaz...

— Conheci este, era um excelente cantor.

— E...

Uma criança reparava para o coveiro, que ia lá por junto das catacumbas do muro, com a enxada ao ombro e uma cambada de peixes na outra mão.

— Estas perpétuas já estão apodrecendo pela chuva...

As fotografias ocupando o centro das coroas de perpétuas resguardadas por umas ovais de flandres envidraçadas,



traziam-lhe à idéia aqueles mortos como se eles fossem apenas ausentes...

Um recinto reservado isolava o repouso eterno de umas freiras...

E, como uma enorme pança, a areia suja upava no abaulado de uma sepultura fresca.

— Aqui estão virgens, meu velho!

E o moço bateu-lhe no ombro.

— Nestes corações o amor não alevantou os vapores negros da sua fornalha.

O velho a modos que consultou o próprio coração. E como se fora míope, seguiu passando a mão de epitáfio em epitáfio... Ora lia, ora adivinhava as letras apagadas... uma simples parede, mais ou menos lisa, e até bem adornada... era agradável...

A mão entrou e os olhos recuaram. Como uma boca que quer chupar abria-se uma catacumba no muro, subitamente, a única desocupada.

— Acaso algum de nós virá enchê-la?!...

Arrepiaram os cabelos... e o rapaz sentiu-se dentro de um esquite... entrando por aquele buraco apertado...

Ouvia o ranger do pinho, a fala e o sério dos coveiros, o silêncio doloroso dos amigos, e, mais tarde, já estando lá dentro, o barro frio, frescal, bem amassado, a estender-se maciamente, o cabo da colher do pedreiro batendo surdo a acertar a fiada, e o gume cortando no ar um tijolo para dar na forma arqueada da boca... O pedreiro botou o último tijolo que foi um pedacinho, com uma pitada de barro... E ficou o interior escuro, abafado e o morto sentia de si mesmo um cheiro insuportável. Estava à espera que chegassem os senhores vermes. No dia seguinte viriam rebocar a parede, no outro cair, no outro escrever o epitáfio...

— Aqui jaz...

O seu coração inchava e parecia ocupar a catacumba inteira...



O velho puxou-lhe pela aba do fraque, estendendo um olhar indicador para um grupo de moças que arroteavam um pequeno mausoléu plantado de sempre-vivas...

Tinha desaparecido o doloroso sonho de morte e vinham os bons ideais de borboleta.

As donzelas vinham para eles.

Houve uma fulminação recíproca de olhares...

A catacumba vazia, bem como o coração boêmio do manco, voltaram às suas naturais proporções de casas de aluguel.

(*A Quinzena*, Ano II, n.º 2, 31 de janeiro de 1888.)